

O LUGAR DA AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA LACANIANA

Fabíola Menezes de Araújo¹

Resumo:

O objetivo do presente artigo é expor a leitura que a psicanálise lacaniana levanta acerca das causas que levam à irrupção da agressividade, principalmente em razão do caráter frequente deste fenômeno em educação. Sendo o método utilizado basicamente o dissertativo, procurou-se ressaltar a dimensão filosófica do problema. O próprio Lacan se apropria do legado hegeliano e marxista para desdobrar a tese da agressividade enquanto realização de uma dinâmica instaurada a partir do olhar e que tem o seu *modus operandi* nos movimentos de alienação e de desalienação. A agressividade, ilustrada, por exemplo, pelas injúrias sofridas pelos professores mostra-se como tentativa de provocar a queda do Outro, queda essa tida como objeto *a* cujo modo de aparição é regulado pelo complexo de Édipo. Isto é, tanto o modo como se inscrevem as figuras de autoridade parentais nas cadeias significantes de que é composto o sujeito quanto o modo como essa inscrição molda as possibilidades existenciais de articulação com o sexo oposto seriam chave para antevermos em que medida o sujeito faz uso da agressividade. Nessa medida, o complexo de Édipo, reinvestido pelo acontecimento da puberdade, seria responsável pelo deslocamento da libido ora para o Outro ora para o próprio sujeito. O Outro, no desdobramento teórico de Lacan que se segue à década de 60, compreende tanto as escolhas identificatórias quanto aquilo que escapa a qualquer identificação. O Outro, por exemplo, na figura do professor, tem tanto o papel de se posicionar enquanto tal e assim gerar intuitivamente um processo de identificação, quanto o delicado papel de sustentar a dialética que surge no momento em que o Outro cai, momento esse que frequentemente se segue à identificação e que acontece junto a um gozo capaz de desvelar o objeto *a*. Muito embora o papel em educação não seja manter uma ausculta a esse objeto, a educação pode fazer com que esse objeto não seja excluído e seja contornado junto ao advento de singularidades. Neste momento, a explicitação das regras através das quais a educação se constitui assim como a empatia do educador aparecem como instrumentos fundamentais na educação tanto quanto a própria matéria a ser ensinada. Do texto, depreendemos a seguinte conclusão: acerca da necessidade de causarmos a colocação da agressividade na fala como via de conquista do processo de desalienação conjugada com uma possibilidade de sustentação do desejo.

Palavras-chave: Agressividade, Alienação, Desalienação, Outro, Olhar.

Abstract:

This paper aims to show issues raised by lacanian psychoanalyses concerning the reasons of the phenomenon of aggressiveness, mainly due to the frequency of this phenomenon in education. In this paper, it was intended to highlight the philosophical

¹ Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. E-mail para contato: confabulando@yahoo.com.br. Apoio institucional: CNPQ. Agradecimentos ao Prof. Joel Birman e ao Prof. Christian Hoffmann.

dimension of the problem, since we are using basically the dissertative method. Lacan takes Hegelian and Marxist legacy to develop the thesis of aggressiveness as realization of a dynamic introduced from the gaze and that has its *modus operandi* in the movements of alienation and non-alienation. The aggressiveness illustrated, for example, by the injuries suffered by teachers shows itself as a tentative to cause the fall of the Other, this fall is considered as the object *a* of which its appearance is regulated by the Oedipus Complex. Namely, both the way how the parental authority figures are inscribed in the significant chains that compose the individual and how this inscription shapes the existential possibilities of interaction with the opposite sex would be the key to foresee the extent the individual makes use of aggressiveness. In this way, the Oedipus complex, reinvested by the event of puberty would be responsible for the displacement of the libido one time to the 'Other' and other time to the own subject. The Other, in the theoretical development of Lacan that follows the decade of 1960, comprehends the identifier choices and also what escapes from any identification. The Other, as a teacher, has the role of positioning itself to generate intuitively one process of identification and has the delicate function of sustain the dialectic that emerges in the moment where the Other falls, moment which usually comes after the identification and that happens with a joy capable of unveiling the object *a*. Although the role of education is not to maintain an auscultation to this object, the education can influence its non-exclusion and make this object be contoured with the advent of singularities. In this moment, the explicitness of the rules which education constitutes itself as well as the empathy from the educator can be a fundamental instrument in education like the subject to be taught. From the text, we can conclude that: we need to put the aggressiveness in our speech as via of achievement of the non-alienation process conjugated with the possibility to support the desire.

Keywords: Aggressiveness, alienation, disalienation, Other, gaze.

Introdução

Quando um pai tem dificuldade em transmitir um lugar simbólico para o filho é possível que a agressividade surja como tentativa de conquistar um lugar que foi negado. O problema se coloca na medida em que, para grande parte da teoria psicanalítica, o lugar reservado à paternidade na contemporaneidade é insólito e muitas vezes inexistente. A seguinte questão não tarda: se o pai ou o Nome-do-pai² não tem lugar, e, portanto, não pode alcançar a possibilidade de transmitir um legado que tome como diretriz a ética estaremos condenados a atentados de agressividade? A julgar pelos noticiários, é mesmo isso que acontece, no entanto, não é bem assim, pois por mais que

² Lacan rearticula através do Nome-do-pai, a 'metáfora paterna', o universalismo edipiano proposto por Freud. Há, nesse contexto, uma reelaboração no conjunto da doutrina freudiana: o psicanalista francês não mais fundamentará o complexo de Édipo no sentimento de um temor "natural" do incesto advindo de uma herança histórico-tribal, como proposto em *Totem e tabu* (FREUD, 1913/2004), mas justifica a existência do referido complexo na "lei de organização inconsciente" em que há a incidência do significante *ser pai*.

um pai tenha dificuldade de transmitir um lugar simbólico para o filho disso não se segue que o filho vá fazer uso da agressividade para conquistar o lugar simbólico que deseja. Por outro turno, mesmo que no processo de transmissão simbólica que se realiza entre pai e filho, ou entre instituições e alunos, tenha lugar o elogio da agressividade, não se pode deduzir que o filho ou os alunos cheguem a fazer uso da agressividade. De onde se segue que exista certa imprevisibilidade na questão acerca das causas que levam ao uso da agressividade, o que redundaria na dificuldade inerente à própria construção teórica do problema. Ainda assim, a investigação sobre o que leva ao uso da agressividade é possível e, no contexto atual, necessária. E é nessa medida que, nas linhas que se seguem, procuramos desdobrar como e porque a agressividade, tão frequente em sala de aula, irrompe. Pretendemos também traçar de que modo é papel do professor salvaguardar a posição do aprendiz enquanto aquele que pode aprender seja lá como e sobre o que for, e ainda que nessa travessia o professor se sinta pessoalmente agredido.

Diferentemente do que propõe Marx, para a psicanálise, não é na diferença entre classes que o processo de alienação capaz de levar à agressividade se instala. É no modo como o Outro é primeiramente significado e possivelmente re-significantizado que esse processo tem lugar. Nessa perspectiva, a chave para compreendermos os porquês dos atos de agressividade, seja com relação aos colegas com quem o aluno agressor convive, seja com relação aos professores está antes de tudo na possibilidade de levantarmos o véu sobre o modo como o agressor se aliena no Outro. Aqueles responsáveis por re-significar a figura do Outro, os professores, podem colaborar com esse processo ao deixar livre as vias de diálogo. Como modo de re-localização simbólica em paralelo à tentativa de circunscrição do desejo, a agressividade se instala mediante a circunscrição de três termos³ onde o professor pode advir como uma figura a ser contornada, ou por vezes, destronada.

³ Lacan pondera que o 'desejo' só pode instalar-se mediante a interseção de três termos. O terceiro serviria como uma espécie de segundo plano, de tela, a partir da qual o sujeito credita ao agalma a possibilidade de fazê-lo valer junto ao Outro. Como lugar de incidência do reflexo, parte privilegiada do 'véu do inconsciente', ao terceiro termo cabe espelhar o desejo, circunscrevendo-o entre o agalma e o sujeito. Essa reflexão tem lugar junto ao comentário de Lacan sobre o célebre diálogo 'O banquete' (Platão). O primeiro motivo que teria feito Sócrates surgir como um agalma seria justamente o terceiro termo, Agathon: apesar da reconhecida beleza desta personagem, Alcebíades vê o agalma somente em Sócrates. Isto porque em Sócrates a figura do próprio Alcebíades faz-se valer, mas ao contrário da figura do Narciso que se apaixona pela própria imagem, Alcebíades se apaixona pela "caixa acústica que lhe forma a figura de Sócrates" (LACAN, 1992, p. 308/309), isto é, Alcebíades se apaixona pelas figuras de linguagem, os 'torpedos socráticos' (LACAN, 1992, p. 39) que Sócrates lança e nos quais Alcebíades vê o seu próprio ser, como possibilidades de vir-a-ser. Nesse momento, Sócrates conteria a função de agalma

Discussão

O lugar da educação tal como proposto pela psicanálise tem como diretriz fundamental a reflexão do criador da psicanálise que discrimina, em 1910, o papel dos mestres como sendo de sustentar através da empatia os alunos em seu difícil processo de amadurecimento. Como destaca Alberti a partir de *Sobre a Psicologia dos Ginásianos*:

O amor sem esperança (de jovens secundaristas que chegaram às vias do suicídio) se torna uma falta de amor do mestre, que, ao reprimir seus próprios afetos, não chega a amar suficientemente seu aluno e não permite que faça dele uma figura paterna suficientemente eficaz. (FREUD, 1914 apud ALBERTI, 2009, p. 91).

O mestre deve permitir o amor, isto é, que o aluno possa não apenas se espelhar nele, mas que possa fazer dele, do mestre, “uma figura paterna eficaz”. Essa não é uma tarefa fácil: o professor deve também poder contar com uma estrutura que sustente a sua prática de atenção às vicissitudes que os alunos enfrentam. Isto não quer dizer que se possa ignorar aquilo que eventualmente se apresenta como um afronta aos limites, às regras e aos “bons costumes”. Ao contrário, a agressividade deve poder ser lida como tal, podendo ser pontuada e punida, mas no modo como a punição venha a ser administrada deve-se prover vir junto um aprendizado que permita ao aluno lidar com aquilo que desperta em seu ser e frente ao qual ele pode não ter nenhum controle.

Já na leitura que Alberti levanta a partir de Lacan, o professor frequentemente surge como o Outro que cai, momento em que as alcunhas e as injúrias colaboram no sentido de fazer com que o aluno aprenda a lidar com o impossível, o objeto *a*⁴ que, a cada vez, insiste em ressurgir no real:

por circunscrever o âmbito da ‘falta-a-ser’ junto ao qual se constitui o desejo. É possível depreender que oagalma, esse “tesouro inestimável” (LACAN, 1992, p. 270), evoque antes de tudo um lugar no plano do tesouro de significantes.

⁴ Na gramática lacaniana, o ‘a’ enquanto incógnita é primeiramente identificado a ‘outro’, ‘le autre’, que se interpõe ao Outro, ‘le Autre’. Ambos, o outro e o Outro, surgem simultaneamente como fruto de uma necessidade de se caráter estrutural, em que um nasce referido pelo Outro. O outro nasce sobretudo para permitir o advento de um objeto especial, propriamente o ‘objeto’ capaz de causar o movimento de transcendência, a saber, o objeto causa do desejo. ‘Objeto *a*’, nestes termos, é tradução possível, alcançável, da ‘coisa’, conceito esse cunhado por Freud, em *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1950). Ali, a ‘coisa’ é referida como parte do aparelho psíquico quando sob o jugo de uma experiência de satisfação erótica (p. 434). É interessante frisar como o termo ‘objeto *a*’ recebe no ensino de Lacan múltiplas variações: no *Seminário VI, O desejo e sua interpretação* (1958-59), o autor introduz esse objeto como ‘objeto do desejo’. Já em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1957/1960), o objeto *a* é apresentado como ‘objeto causa do desejo’ – parte separável da imagem do corpo, esse objeto comportaria um traço da coisa, retomada, desta vez, do contexto freudiano. A exemplo da placenta, esse traço faria visível algo de comum entre o sujeito e o Outro, e ainda que valendo para todos os dois como ‘semblante’ em uma linhagem (metonímia) na qual o *phallus* é o ponto

De um lado, na vertente da alienação, detecta-se a sempre renovada demanda; do outro, na vertente da separação, verifica-se a injúria ao pai, esse para além do pai que implica a separação da demanda. Há uma passagem necessária para que a palavra equivalha ao ato e isso atesta que há na adolescência um passe necessário diante da impossibilidade da relação sexual, ou seja, a resposta possível do sujeito para a perda irremediável ante a anatomia do seu destino. Nesse passe, que está implicado na separação, o que cai do Outro, o Ordenhaleite, o Ventrecalvo, o Solapico, o Banha-de-macaco etc.⁵, surge como objeto de horror, decorrendo daí o que se costuma chamar de ‘conflito de gerações’, no qual o significante puro, num chiste, reveste o objeto *a*. Para além da relação imaginária amor-ódio do adolescente com o mestre, cuja ambivalência Freud sublinhou, há angústia quando, em face do real, o adolescente procura reinscrever no simbólico a estranheza da impossibilidade. (ALBERTI, 2009, p. 157-158).

Faz parte da adolescência a reiteração de sempre renovadas demandas. Inclusive grande parte do trabalho do psicanalista quando solicitado nesta etapa do amadurecimento se constitui como pontuação de como as principais demandas do adolescente supridas. Como reiteração da perspectiva de que a questão que move o adolescente vem de um lugar que não encontra na realização de reiteradas demandas uma solução plausível (cf. ALBERTI, 2009, p. 11). O trabalho da psicanálise repercute “na vertente da separação” e não tem outro objetivo que não o de obter autenticação da realidade da separação. E será nessa perspectiva que “verifica-se a injúria ao pai”, ou ao professor, podemos acrescentar, como forma de atestar a realidade do processo de separação ou de desalienação, tomados aqui como termos correlatos. Em outras palavras, o caso do adolescente dizer impropérios sobre quem é responsável por transmitir algum saber a ele, esclarece-se como o seguinte: tal atitude se dá como tentativa de se diferenciar, de se distanciar ou de se desalienar daqueles que, para ele, detém o poder. E é nessa perspectiva que o intitulado “conflito de gerações” reveste o “objeto *a*”. É porque o adolescente acredita que o Outro poderia lhe dar algo que o faria valer no sentido de passar a ser reconhecido que o jovem se ressentido de isso não acontecer; a agressividade, logo, surge como modo de defender-se do medo de castração, isto é, do medo de rejeição. Por um lado, acredita-se que a angústia será aplacada quando for dado o que é demandado, por outro lado, dada a impossibilidade de aplacar-se a angústia, instaura-se a crença de que se trata de má-vontade do Outro. Com isso, a possibilidade que resta é a do falar mal. Fala-se mal, ainda que desse modo o

de perspectiva, traria por vezes um traço de horror (LACAN, 1957/1960, p. 301). O ‘objeto *a*’ é, nesse contexto, circunscrito como o objeto fálico que torna o real habitável (LACAN, 1955/1960, p. 32).

⁵ Exemplos de injúrias sofridas pelos professores no romance de Frank Wedekind (1891, p. 268) comentado em “Esse Sujeito Adolescente” (ALBERTI, 2009, p. 157).

verdadeiro objeto de desejo, a separação, permaneça mais distante. Fala-se mal como uma tentativa de desalienar-se que, no entanto, enreda o sujeito em mais alienação.

Vejamos melhor como exatamente Lacan conjuga essa dinâmica de alienação e de desalienação que Alberti destaca como se fazendo presente no cotidiano do adolescente em concomitância à circunscrição do fenômeno da agressividade a partir dos principais referenciais teóricos de que o psicanalista francês se utiliza para desdobrar essa mesma questão.

Principais referenciais teóricos – Hegel⁶ e Marx⁷

As noções de tensão social e de lógica coletiva. O princípio de desalienação

Lacan inicia sua apropriação do legado marxista a partir do Jovem Marx: é junto ao artigo “Motivos do crime paranoico” publicado em 1933 e retomado em “Da psicose paranoica” em *Cahiers D’art* em 1945 que essa apropriação pode ser entrevista⁸. Pode-se dizer que Lacan realiza a obtusa tarefa de colocar juntos autores tão antagônicos

⁶ Após a defesa de sua tese de doutorado, a partir de 1933, Lacan se encaminha para uma formação filosófica ímpar: as aulas de filosofia ministradas por Alexandre Koyré, logo sucedido por Alexandre Kojévnikov, apresentam ao psicanalista um Hegel com nuances a um só tempo marxistas e heideggerianas. Essas aulas acontecem no Collège de Sociologie, onde Lacan recebe lições de Kojève a partir da *Fenomenologia do espírito* (1806) junto a intelectuais como Sartre, Merleau-Ponty e Bataille. A partir dessas aulas Lacan irá cunhar os conceitos de eu (*le moi*) especular, de tempo lógico, de asserção de certeza antecipada e de agressividade em psicanálise.

⁷ A obra de Karl Marx apropriada por Lacan e ressaltada aqui compreende os textos que foram publicados em 1932 e que são do período que vai do ano de 1841 ao ano de 1846. A partir de textos como *Contribuição para a crítica da filosofia do direito de Hegel* (1841), *A questão judaica* (1843), *Manuscritos econômico-filosóficos*, *A sagrada família* (1844), e *A ideologia alemã* (1845-46), somos convidados a refletir sobre fenômenos como de tensão social e de lógica coletiva. Em *A sagrada família*, por exemplo, Marx levanta uma importante crítica a Hegel e a seus discípulos: o ponto de partida da história não poderia ser performado por uma ideia, tampouco por um conceito, mas a história deveria ser tomada como um conjunto de relações sociais.

⁸ Artigos publicados em <http://www.ecole-lacanienne.net/pastoutlacan30.php>, assim como em *Jacques Lacan, Travaux et interventions*. É oportuno colocar que a presença de Marx em Lacan ainda se estende aos *Escritos*, aos *Seminários* assim como aos *Outros escritos*, em que se destaca “Resposta aos estudantes de Filosofia” onde o psicanalista faz uma importante referência à alienação e à possibilidade de sua superação. Lacan nestes escritos chega a se referir a Marx como inventor do sintoma, e destaca a relação entre o conceito de mais-valia e o de mais gozar. Sintoma, é escrito sinthome em razão da homofonia “saint-nom”, como algo que confere uma “santidade” à pessoa que sofre e também a partir do sin, “pecado” em inglês, o psicanalista faz com que o sintoma reporte ao mesmo tempo à santidade e ao “sinal do pecado”. Através da noção de sintoma como sinthome, “santo-nome-que-peca” ou ainda “santa-ordenação-simbólica-que-norteia-o-pecado” Lacan pretende, pois, dar voz à ambivalência presente nos sintomas tratados pela psicanálise. Sobre a mais-valia: é na diferença posicional entre os elementos de uma determinada estrutura que o “a mais”, o sintoma que resta entre aquilo que se produz e aquilo que se comercializa se torna evidente. No modo como irrompe a agressividade esse “a mais” também se evidencia. Seria na maneira como é incorporado e vem a ser manobrado o complexo de Édipo que esse “a mais” se situa. Se a agressividade vem à tona é como uma tentativa de lidar com essa “sobra não comercializável” que o sujeito muitas vezes se ressentido como de responsabilidade do Outro. Sobre essa questão, são oportunas as obras de Pierre Bruno, sobretudo: *Lacan, Passeur de Marx L’invention du Symptôme*, em que o autor elenca o conjunto de referências de Lacan a Marx. Nesse quesito, aceitamos e agradecemos as sugestões da Revista Crítica Marxista.

quanto o jovem Marx e Hegel: a concepção central sendo a de que os fenômenos de alienação e de desalienação seriam ambos passíveis de acontecer de maneira dialética em prol de uma progressiva assunção de si. Três noções, no entanto, podem ser destacadas como sendo a origem claramente marxista, a saber: os conceitos de tensão social, de lógica coletiva e de desalienação.

Em Lacan, tais conceitos serão estudados, principalmente, a partir de dois casos – o de Aimée, estudo que lhe fornece o material necessário para sua tese de doutorado, e o caso das irmãs Papin. No primeiro, somos apresentados a Aimée, heterônimo criado por Lacan para Marguerite Pantaine, atendida por ele no setor de psiquiatria do Hospital de Sainte-Anne, lá tendo sido internada por ter praticado uma tentativa de homicídio de uma atriz famosa. Já no segundo caso, somos apresentados a um homicídio duplamente qualificado em que duas empregadas, as chamadas irmãs Papin, matam suas patroas e são levadas a júri popular. São, então, condenadas à prisão e, posteriormente, encaminhadas à internação em um hospital psiquiátrico. Na leitura que leva a cabo desse último caso, Lacan destaca o caráter alienante do elemento paranoico: por intermédio da estrutura paranoica o assassino ataca, na verdade, o ideal de senhor que traz dentro de si. A loucura é desencadeada no momento em que “a alienação mental” torna-se uma “consciência alienada” na figura do senhor. Será a vez em que nosso autor mais empregará um vocabulário definitivamente marxista: o psicanalista fala em “revolução teórica”, em “civilização burguesa”, em “superestrutura ideológica”, e em “necessidades materiais” (ROUDINESCO, 2008, p. 92).

Nos crimes executados por paranoicos, chama a atenção do psicanalista a questão do valor da representatividade social e das tensões geradas por essa representatividade. Lacan frisa, por exemplo, a necessidade de relativizar o fenômeno da paranoia em conformidade a uma lógica coletiva:

Reconhecemos (nos casos citados acima), como primordial, tanto nos elementos como no conjunto do delírio e em suas reações, a influência das relações sociais incidentes em cada uma das três ordens de fenômenos; e admitimos como explicativa de fatos da psicose a noção dinâmica de tensões sociais. (LACAN apud PORGE, 1998, p. 36).

Ao buscar esclarecer o fenômeno da agressividade a partir da influência marxista, Lacan traz a questão da tensão gerada pela representatividade social como fator determinante para a irrupção da mesma: alienado na “dinâmica de tensões sociais, cujo estado de equilíbrio ou de ruptura” (idem) define o paranoico como alguém instaurado em certa impossibilidade de advir como um si próprio, o surto advém como

solução que, ao irromper, retira o paranoico da situação de tensão antes instalada.

A escuta dos personagens que sofrem com essas tensões, escuta essa necessariamente desvinculada de qualquer ideologia, é uma das formas possíveis de capacitá-los a utilizarem-se dessas tensões em prol do advento de ‘um si mesmo’. Esse ser será um advento de vários momentos, sendo o processo de alienação, por exemplo, no mestre responsável por instruir uma etapa não menos importante. Já a desalienação que pode chegar a irromper de maneira agressiva deve poder ser encaminhada para a fala, posto que, em última instância, também serve como tentativa de inscrição no simbólico da estranheza causada pela impossibilidade de dar-se conta do real que insiste (ALBERTI, 2009, p. 158). Fazer-se uso da agressividade como tentativa de lidar com o ‘real’ que escapa é uma maneira de dar vazão a algo que se não vem à tona de algum modo pode acabar levando ao suicídio, como comentado por Freud. A desalienação, nessa medida, surge a partir de uma transmutação do aparecimento do real, de uma situação em que há uma sobrevalorização do âmbito do imaginário, para uma situação em que se possam ser mais bem conjugados os âmbitos do real e do simbólico, e isto a partir da realização da fala, isto é, do acontecimento simbólico que a fala permite. Enquanto o alienado, na condição de paranoico, permanece restrito ao plano do imaginário, a fala é capaz de fundamentá-lo no plano do simbólico. Em outras palavras, o alienado é um ser que se confunde com a localização simbólica onde se situa. Já a elaboração linguageira é capaz de fundamentá-lo no plano do simbólico. Essa elaboração é ainda providenciada na medida em que a fala se dirige “para” o professor. A escuta é, nessa medida, capaz de levar à simbolização na medida em que o outro requer um outro modo de localização, que tendo por referência o plano do Simbólico é capaz de promover a desalienação enquanto exercício de superação do plano do Imaginário.

Podemos concluir até aqui que ao pesquisar o fenômeno da agressividade, Lacan propõe uma tese pautada no conceito de alienação, trazido da “Fenomenologia do espírito”, que passa a ser abordado junto ao conceito de desalienação, tomado, desta feita, da perspectiva marxista: enquanto a ‘alienação’ se realiza no momento em que o olhar se sustenta em uma determinada localização simbólica, a agressividade surge como tentativa de desalienação, isto é, como modo de escapar da localização anteriormente situada. Acolher a agressividade como uma maneira da verdade atuar, e de modo que ela possa ser conduzida à palavra é uma possibilidade que viabiliza de fato a desalienação, isto é, que permite uma localização simbólica distinta daquela frente a

qual o agressor se coloca. Compreende-se que, falando, conquista-se uma base em que a desalienação se realiza concomitantemente a uma localização simbólica diferente, que pode passar a tomar do descompasso frente a uma localização simbólica que causa tensão.

A dialética do tempo lógico

No momento em que se toma a irrupção da agressividade como uma experiência de alienação cujo movimento de desalienação tornou-se enfraquecido compreende-se a necessidade de que sejam providenciados modos de existir que permitam a experiência de desalienação, sem descuidar da perspectiva de que a alienação também é necessária ao processo de reconhecimento do desejo. Não se trataria, pois, apenas de, via processos educativos, garantir a experiência de desalienação, mas de salvaguardar a realização de uma dialética singular, intitulada por Lacan de dialética do tempo lógico. Essa dialética é singular por ser capaz de causar o advento da verdade em que tanto a alienação quanto a desalienação se fazem pertinentes: alienamos-nos quando nos antecipamos à compreensão do Outro, e nos desalienarmos no momento em que concluímos algo sobre essa antecipação. Sem dúvida a questão seguinte é a mais delicada do processo de desalienação: pois não se trata de simplesmente concluir algo sobre o Outro, mas, sobretudo, sobre a maneira como nos antecipamos a ele. Essa conclusão é necessária porque somente quando somos chamados a concluir algo sobre nós mesmos podemos superar a discursividade que herdamos conjugada a partir do simbólico e do imaginário e não a partir do real. O problema é que no momento em que o real é obliterado, ele tende a retornar via agressividade *tout court*. Isto é, a noção de tempo lógico vem a baila para destacar não apenas aquilo que retorna do Outro, mas também aquilo que o próprio sujeito pode criar quando se situa perante o Outro.

Se a agressividade surge momentaneamente como uma forma de lidar com o real, o ser que se conforma a um olhar deseja mostrar-se como desejável. Lacan aponta como é ao ver a ‘si mesmo’ como capturado por um olhar que o sujeito passa a desejar o “seu próprio traço evanescente”:

É por isso que ele (o olhar) é mais que qualquer outro objeto, desconhecido, e é talvez por essa razão também que o sujeito consegue simbolizar com tanta felicidade seu próprio traço evanescente e puntiforme na ilusão da consciência de *ver-se vendo-se*, em que o olhar se elide. (LACAN apud PORGE, 1998, p. 83)

Realizando certo malabarismo conceitual o psicanalista francês afirma “a ilusão de uma consciência de *ver-se vendo-se*” como um mero traço evanescente situado a partir de um olhar que “se elide”, isto é, que se suprime no mesmo momento em que se instala e que é também “o avesso da consciência”: “o olhar é esse (ser) avesso da consciência”, que “só intervém na medida em que (traz) (...) o sujeito o sustentando numa função de desejo” (idem, p. 84). Afinal, o que isso quer dizer?

Neste ponto, a leitura lacaniana acerca de como a agressividade irrompe pode vir ao nosso apoio; muito embora pelo seu viés mais problemático: pois é quando o sujeito não se sustenta em uma função de desejo que tem ocasião a agressividade. Isso acontece do seguinte modo: a dinâmica de alienação e de desalienação é responsável por guiar a “ilusão de uma consciência” enquanto promotora de um texto. O texto é apenas uma possibilidade, que pode ser retomada constantemente, mas o agressor toma o texto como definitivo e agride o olhar que acredita completar o texto que o mantém tenso. De modo que o agressor, em seu ato acredita matar a tensão gerada pelo contexto, isto é, pelo texto no qual é trilhada a história que o mantém tenso, e termina por conquistar um olhar sobre si apartado do horizonte significacional em questão. Em outros termos, a agressão surge para o agressor como uma oportunidade de desalienar-se, ainda que essa oportunidade não se dê junto à sustentação do próprio desejo. Palavras capazes de evidenciar que somos constantemente uma possibilidade passível de ser realizada diferentemente podem, em parte, aplacar a tensão que provoca a agressividade. Ao evidenciar nosso caráter de incompletude essas palavras permitem um recomeço. É preciso colocar, por fim, que em casos mais drásticos ou singulares apenas o silêncio do analista pode deixar vir à tona a verdadeira questão que move em direção à agressividade.

A agressividade frente ao Outro – um exemplo trazido de *Grande Sertão: Veredas*

No romance de Guimarães Rosa não faltam momentos capazes de ilustrar a dificuldade de sustentar-se o próprio desejo frente ao Outro. Numa delas, Riobaldo aparece tentado por uma “menina-mocinha” e, numa vertigem, apreende o seguinte: “Aqui digo: que se teme por amor; mas que, por amor, também, é que a coragem se faz.” Trata-se de um aprendizado tirado da seguinte ocasião:

Os olhos de Diadorim não me reprovavam – os olhos de Diadorim me pediam muito socorro. Seo Ornelas empalidecido. Certo que, num rebimbo

de raio, eu – pronto! – o Ornelas estava caído muito morto entrolheolho, antes de notar sequer que eu tinha pensado em arisco de mover armas. Diadorim, caso fosse, ele eu desarmava; e meus homens estariam ali, todos de pé, fechando praia de mar. A menina-mocinha, que eu agarrava nos braços, era uma quanta coisa primorosa que esperneia... Mas eu não quis! (...) Assim retido, sosseguei – e melhor. Como que, depois do fogo de ferver, no azeite em corpo de meu sangue todo, agora sochupei aquele vapor fresco, fortíssimo, de vantagens de bondades. (ROSA, 1994, p. 291)

Trata-se de uma situação em que Riobaldo dispunha do poder de realizar o próprio desejo egoisticamente, no caso, possuir a menina-mocinha que o tentava. Sem obter o consentimento do Outro, ali figurado pelas presenças de Diadorim e de seu Ornelas, conquanto, Riobaldo, num segundo, seria o próprio o demônio. Confundido com aquele que perseguia, teria realizado o imediato desejo, mas perdido ficaria com relação ao Outro e teria perdido igualmente “as vantagens de bondades”. Seguindo a narrativa, naquele lugar parecia-se desconhecer o Hermógenes; sobre o demônio, caçado pelo bando de Riobaldo, ninguém dava notícia. E nesse momento se descortina a sutileza da diferença que separa os jagunços de Riobaldo e os do Hermógenes. Enquanto os primeiros sustentam o desejo junto ao Outro, os demais realizam primeiro o desejo e procuram lidar com o Outro só depois. Não é à toa que Riobaldo, único, aprende a lidar com mulher: ele tem coragem de sustentar o desejo frente ao Outro.

141

Conclusão

Podemos concluir no âmbito da presente investigação acerca do que leva à irrupção da agressividade em educação o seguinte: há uma luta pelo reconhecimento que se realiza a partir da agressividade. O postulado de que o alienado é um ser para quem é negado o reconhecimento, em educação adquire uma maior relevância posto que o ambiente educativo costuma ser retoricamente aberto às diferenças, mas fatidicamente excludente. A hipótese de que o sintoma “irrupção de agressividade” é fruto de uma lógica coletiva na qual se faz notar a questão da representatividade social e as tensões a ela vinculadas se fez notar no seguinte sentido: o alienado se configura como um ser para quem é repetidamente negada a possibilidade de elaborar sua agressividade através da palavra, de modo que lhe resta apenas o âmbito do imaginário para realizar o processo de desalienação. No modo como elabora o desejo do Outro, em última instância, o alienado se lança em uma luta imaginária em função de ter lhe sido negada, antes, a possibilidade de realizar essa luta no domínio da palavra. Nesse momento, em

que Lacan toma como base de leitura os casos Aimée e o das irmãs Papin, o agressor é um ser que, em surto, se atira contra o ideal de senhor que traz dentro de si.

Vimos, nessa medida, como a influência do jovem Marx sobre Lacan se faz notar, mas a interpretação da agressividade como um fenômeno estrutural provocado pela alienação também tem como referência Hegel, e isso do seguinte modo: em paralelo ao modo como Hegel traz a alienação, Lacan considera esse momento do tempo lógico essencial. No processo de superação por meio da dialética podemos dizer tem a mesma importância os momentos de alienação e de desalienação que, no entanto, tende a permanecer no âmbito da alienação, ao menos até que o agressor possa transmutar seu ato em palavras, sempre oportunas para efeito de desalienação. De outro modo, ambos os momentos tem igual importância na medida em que na alienação a matriz simbólica que alinha a instância do sujeito em uma estrutura de ficção é viabilizada, e para que a desalienação possa se dar é preciso ter-se em vista o caráter de possibilidade da própria alienação. De outro modo, pode-se dizer que a estrutura de alienar-se e desalienar-se realiza-se como um texto descompletado, passível de completar-se em determinados e misteriosos momentos, a partir do qual o Outro surge como “testemunha” de uma verdade que se mostra em três tempos: o ‘instante do ver’ (no qual situa-se a importância do olhar), o ‘tempo do compreender’ e o ‘momento do concluir’.

Finalmente evidenciou-se que os sujeitos teorizados por Lacan são marcados pelo descentramento assim como por uma temporalidade pautada pela narrativa. A perspectiva de que a temporalidade seja determinada por um horizonte de caráter ficcional tem a presença forte não apenas em psicanálise. A especificidade do discurso psicanalítico advém de que a concepção da temporalidade como ficcional favorece a compreensão do caráter espontâneo do fenômeno. Além disso, libera-se a teoria para um horizonte teórico capaz de descortinar a agressividade como oportuna para ser colocada na fala. A leitura da agressividade como passível de ser revertida em proveito de uma luta que transcorra em outro registro que não o simplesmente imaginário ainda libera a teoria para a verdadeira questão em jogo: tornar evidente a oportunidade de transmutar-se a agressividade em prol uma luta que se realize no domínio da palavra. A luta que supera o registro do imaginário em proveito do registro simbólico se realiza, em sua essência, como uma luta para se fazer reconhecer pelo Outro. E é apenas neste domínio que temos como sustentar uma travessia capaz de ensinar a valorar a “vantagens de bondades”, do dito de Riobaldo. Inclusive porque, como tão bem coloca Guimarães

Rosa, o próprio Outro pode ressurgir a cada vez de modo tão diferente que o aprendizado mais importante e que a escola muitas vezes se recusa a ensinar seja mesmo de como lidar com o demônio que cada um traz dentro de si. Nesse contexto, não é sem surpresa que vemos o autor mineiro utilizar-se também da noção de Outro, com o maiúsculo, justo no sentido resvalado acima, de Outro endemoniado: “Ele Outro caiu do cavalo, já veio antes do chão com os olhos duros apagados... (...) Aoh, mas ninguém não vê o demônio morto...” (ROSA, 1994, p. 326). Isto é, o “Outro” em determinadas situações pode aparecer senão como o próprio demônio, cabendo a nós, educadores, auxiliar cada aprendiz na luta que trava na superação das próprias dificuldades em busca de ser reconhecido por aquilo que aprende de bom, ou mesmo de ruim, pois a chave da sabedoria vem da não exclusão.

Podemos destacar, por fim, que, segundo a psicanálise, o lugar do educador é bastante distinto do lugar do psicanalista: enquanto este restringe-se ao âmbito do silenciar necessário à ausculta que cabe à situação analítica, à atenção flutuante e à determinação de não ceder frente às demandas do analisando, o professor deve poder ter atenção às dificuldades do adolescente. Para que o aluno possa apresentar livremente suas justificativas (ainda que injustificáveis), o professor deve saber deixar livre o caminho do diálogo. Para tanto, são oportunas palavras como “você tem um lugar importante aqui conosco” ou ainda “a agressividade faz parte da vida, e o amor pode nos ensinar a lidar com ela”. Ou mesmo palavras que não digam respeito aos incidentes de agressão, mas que subentendam estar sempre livre o caminho do diálogo, como por exemplo: “Não estou entendendo o que você quer dizer com essa postura”, “posso ajudar?” ou ainda “eu penso assim, mas parece que você pensa diferente. Como você pensa?” Palavras essas oportunas para o caso de re-situar o aluno de modo que esse ser permaneça aberto à possibilidade de mudar. Ao contrário da simples repressão, essa postura pode libertar o agressor de sua alienação no Outro, de modo que esse ser conquiste o que estaria em jogo na irrupção do ato agressivo: se libertar do Outro, mas fazendo uso da castração que o Outro demanda em proveito próprio.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Sonia. **Esse sujeito adolescente**. 3ª- ed. RJ: Rios Ambiciosos/ Contra Capa, 2009.

BRUNO, Pierre. **Lacan, Passeur de Marx L'invention du Symptôme**. Paris: Éres, 2010.

HEGEL, G. W. F. (1806). **Phänomenologie des Geistes**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1970.

_____. **Phénoménologie de l'esprit**. Trad. Jean Hyppolite. Paris: Aubier, éditions Montaigne, 1939-41, reedição 1977, 2 vols.

_____. **Fenomenologia do espírito, Parte I**. Trad. Paulo Meneses com colaboração de Karl-Heinz Efen. Petrópolis (RJ): Vozes, 1988.

FREUD, S. (1913) **Totem et Tabou**. Paris: Payot, 2004. (Petite Bibliothèque Payot).

_____. (1914) **Zur Psychologie des Gymnasiasten**. In: **Studienausgabe**. Vol. 4. Frankfurt: S. Fischer, 1972.

_____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Direção geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914-1916) **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

_____. **Projeto de Psicologia Científica (1895) e Cartas a Fliess**. In: **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos: 1886-1889**. Trad. José Luís Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. (1932) **De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité**. Paris: Seuil, 1975.

_____. (1933) **Motivos do crime paranoico**. In: *Le Minotaure*, n° 3/4 – 1933-34, depois em *Obliques*, 1972, n° 2, pp. 100-103, em seguida à tese : *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*, Paris, Seuil, coll. *Le champ freudien*, 1975, pp. 25-28. Também disponível em <http://www.ecole-lacanienne.net/pastoutlacan30.php>, acesso em 20/02/2013.

_____. **Jacques Lacan, Travaux et interventions**. França: Arep, 1977.

_____. (1953). **Função e Campo da Palavra e da Linguagem**. In: **Escritos**. Trad. Inês Oseki-Depré, 3ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **O Seminário. Livro III. As psicoses**. Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. **Escritos**. Trad. Inês Oseki-Depré, 3ª- ed., São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Réponses à des étudiants en philosophie**. In: **Autres écrits**, v. 1. Paris: Seuil, 2001, 203-213.

_____. **Seminário VI, O desejo e sua interpretação** (1958-59), disponível em: <http://www.ecole-lacanienne.net/seminaireVI.php>, acesso em 24/02/2013.

_____. **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano** (1957/1960), In: _____. **Escritos**. Trad. Inês Oseki-Depré, 3^a ed., São Paulo: Perspectiva, 1992.

MARX, Karl. (1841) **Contribution à la Critique de la Philosophie du Droit de Hegel**. (1843). **La Question Juive**. In: Oeuvres Complètes. Tomo I. Paris: Costes, 1946.

_____. (1844) **Manoscritti Economico-Filosofici de 1844**. In: Opere Filosofiche Giovanili. Roma: Rinascita, 1950.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. (1845-46) **The Holy Family or Critique of Critical Critique**. Moscou: Foreign Languages Publishing House, 1956.

_____. (1845-46) **A ideologia alemã**. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. 3^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Manifeste du Partie Comuniste**. Paris: Éditions Sociales, 1962.

PLATÃO. **Les Mythes de Platon. Anthologie**. Vários tradutores. Textos escolhidos por François Pradeau. Paris: GF Flammarion, 2004.

PORGE, Erik. (1989) **Psicanálise e tempo – O tempo lógico de Lacan**. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1998.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. In: Ficção completa, em dois volumes. RJ: Nova Aguilar, 1994.

ROUDINESCO, Elisabeth (1993) **Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WEDEKIND, France (1891) **L'éveil du printemps (Fruehlings Erwachens)** Paris: Gallimard, 1974.